

1.

Na primavera de 1966, Lila, num estado de grande agitação, confiou-me uma caixa de metal que continha oito cadernos. Disse que não podia continuar a tê-los em casa, receava que o marido os lesse. Levei a caixa comigo sem fazer comentários, à parte algumas piadas irónicas à grande quantidade de cordel que lhe amarrara em volta. Naquela fase as nossas relações eram péssimas, mas parecia que só eu as considerava como tal. Ela, as poucas vezes que nos víamos, não manifestava qualquer embaraço, era afetuosa, nunca deixou escapar uma palavra hostil.

Quando me pediu que jurasse que nunca abriria a caixa por motivo nenhum, jurei. Mas assim que entrei no comboio desatei o cordel, tirei os cadernos para fora, comecei a ler. Não era um diário, embora contivesse narrações pormenorizadas de factos da sua vida a partir do final da escola primária. Parecia mais o esboço de uma obstinada autodisciplina de escrita. Abundavam as descrições: um ramo de árvore, os pauis, uma pedra, uma folha com as nervuras brancas, as panelas de casa, as diversas partes da máquina de café, a braseira, o carvão e o cisco, um mapa do pátio com todos os pormenores, a rua larga, o esqueleto de ferro enferrujado atrás dos pauis, os jardins e a igreja, o corte da vegetação atrás da via-férrea, os prédios novos, a casa dos pais, os instrumentos que o pai e o irmão usavam para consertar os sapatos, os seus gestos quando estavam a trabalhar, e sobretudo as cores, as cores de cada coisa nas diferentes horas do dia. Mas não havia só páginas descritivas. Surgiam palavras isoladas em dialeto e em língua, por vezes encerradas num círculo, sem comentário. E exercícios de tradução para latim e grego. E textos completos em inglês sobre as lojas do bairro, sobre as mercadorias, sobre a carroça a abarrotar de fruta e legumes que Enzo Scanno conduzia de rua em rua todos os dias, levando o burro pela arreata. E muitas considerações sobre os livros que lia, sobre os

filmes que via na sala do padre. E também muitas das ideias que defendera nas discussões com Pasquale, nas conversas que eu e ela tínhamos. É certo que a sequência não era contínua, mas qualquer coisa que Lila aprisionasse na escrita assumia um relevo tal que, mesmo nas páginas escritas aos onze ou doze anos, não encontrei uma única linha que parecesse infantil.

As frases em geral eram de uma precisão extrema, a pontuação muito cuidada, a caligrafia elegante, como a professora Oliviero nos ensinara. Mas por vezes Lila, como se uma droga lhe tivesse inundado as veias, parecia não aguentar a ordem que se impusera. Então, tudo se tornava ofegante, as frases adquiriam um ritmo agitado, a pontuação desaparecia. Geralmente não era preciso muito para que reencontrasse um andamento descontraído e claro. Mas também podia acontecer que se interrompesse bruscamente e enchesse o resto da página com desenhinhos de árvores retorcidas, montanhas corcovadas e fumegantes, faces carrancudas. Fiquei tão obcecada com a ordem como com a desordem, e quanto mais lia mais enganada me sentia. Quanto exercício se escondia na carta que ela me enviara para Ischia anos antes: por isso estava tão bem escrita. Voltei a guardar tudo na caixa, prometendo a mim mesma nunca mais bisbilhotar o seu conteúdo.

Mas depressa cedi à curiosidade, pois desprendia-se dos cadernos a força da sedução que emanava de Lila desde pequena. Tratara o bairro, a família, os Solara, Stefano, cada pessoa e cada coisa, com uma precisão impiedosa. E o que dizer da liberdade que tomara em relação a mim, em relação àquilo que eu dizia e que pensava, às pessoas que eu amava, ao meu próprio aspeto físico. Gravara momentos que para ela eram decisivos, sem se preocupar com nada nem com ninguém. Expressava claramente o prazer que sentira quando, aos dez anos, escrevera o pequeno conto *A Fada Azul*. E também, com idêntica clareza, aquilo que sofrera por a nossa professora Oliviero não se ter dignado dizer uma única palavra sobre o conto, que aliás ignorara. Expressava contrariedade e fúria por eu ter seguido para a escola média sem querer saber dela, abandonando-a. Ali se lia o entusiasmo com que aprendera a arte de sapateiro, e o sentimento de desforra que a induzira a desenhar novos sapatos, assim como o prazer de confeccionar um primeiro par juntamente com o irmão Rino. E depois o desgosto, quando o pai, Fernando, dissera que os sapatos não estavam bem feitos. Havia de tudo naquelas páginas, mas de forma especial o ódio aos irmãos Solara, a feroz determinação com que repelira o amor do mais velho, Marcello, e o momento em que decidira namorar com o calmo Stefano Carracci, o dono da

charcutaria, que por amor fizera questão de comprar o primeiro par de sapatos feito por ela, jurando que o guardaria para sempre. Ah, o agradável momento em que, aos quinze anos, se sentira uma senhorinha rica e elegante, de braço dado com o noivo que, só porque a amava, investira uma grande soma de dinheiro na sapataria do pai e do irmão, a sapataria Cerullo. E que satisfação experimentara: a confecção de muitos dos sapatos que desenhara, uma casa no bairro novo, o casamento aos dezasseis anos. E que faustosa festa de casamento, como se sentira feliz. Depois, no auge da festa, Marcello Solara aparecera, com o irmão Michele, trazendo nos pés justamente o par de sapatos pelo qual o seu marido dissera ter tanta estima. O seu marido. Com que género de homem se casara? Agora, depois do facto consumado, tiraria a cara falsa e passaria a mostrar-lhe a verdadeira, monstruosa? Perguntas, e os factos nus e crus da nossa miséria. Dediquei-me muito àquelas páginas, durante dias, ao longo de semanas. Estudei-as, acabei por aprender de cor as partes que me agradavam, as que me exaltavam, as que me hipnotizavam, as que me humilhavam. Por trás da sua natureza escondia-se sem dúvida um artifício, mas não consegui descobrir qual era.

Por fim, uma noite de novembro, exasperada, saí e levei a caixa. Não aguentava mais sentir Lila por fora e por dentro de mim, agora que eu até era muito estimada, agora que até tinha uma vida fora de Nápoles. Parei sobre a ponte Solferino e fiquei a ver as luzes filtradas através de uma neblina gelada. Pousei a caixa no parapeito, empurrei-a devagarinho, pouco de cada vez, até que caiu no rio como se fosse ela, a própria Lila, a cair, com os seus pensamentos, as suas palavras, a maldade com que pagava a todos na mesma moeda, olho por olho, o seu modo de se apropriar de mim, como fazia com qualquer pessoa, ou coisa, ou acontecimento, ou informação que lhe passasse ao alcance: os livros e os sapatos, a doçura e a violência, o casamento e a noite de núpcias, o regresso ao bairro no seu novo papel de senhora Raffaella Carracci.

2.

Eu não podia crer que Stefano, tão gentil, tão apaixonado, tivesse oferecido a Marcello Solara o vestígio da Lila menina, o resultado do trabalho que ela dedicara aos sapatos que desenhara.

Esqueci-me de Alfonso e Marisa, que falavam um com o outro de olhos a brilhar, sentados à mesa. Não fiz mais caso das risadas embriagadas da minha mãe. Apaguei a música, a voz do cantor, os pares que

dançavam, Antonio, que saíra para o terraço e que, dominado pelos ciúmes, continuava do lado de lá da vidraça, a olhar para a cidade violácea, para o mar. Até a imagem de Nino, que acabara de sair da sala como um arcanjo sem anunciação, se esbateu. Agora via apenas Lila a falar de modo agitado ao ouvido de Stefano, ela muito pálida vestida de noiva, ele sem sorriso, com uma mancha esbranquiçada de contrariedade que lhe ia da testa aos olhos como uma máscara de Carnaval sobre o rosto afogueado. O que se estava a passar, o que teria acontecido? A minha amiga puxava para si o braço do marido com as duas mãos. Fazia força, e eu, que a conhecia bem, sentia que se ela pudesse lho arrancaria do corpo, e atravessaria a sala segurando-o ao alto, por cima da cabeça, o sangue a gotejar para a cauda do vestido, e usá-lo-ia como uma clava ou uma queixada de jumento para partir a cara a Marcello com um golpe bem assestado. Ah, sim, fá-lo-ia, e perante tal ideia o coração batia-me enlouquecido, secava-se-me a garganta. Depois tiraria os olhos aos dois homens e arrancar-lhes-ia a carne dos ossos da face, à dentada. Sim, sim, senti que queria, queria que isso acontecesse. Fim do amor e daquela festa insuportável, nada de amplexos numa cama em Amalfi. Fazer imediatamente em pedaços todas as coisas e pessoas do bairro, causar destruição, fugirmos, eu e Lila, irmos viver para longe, descendo juntas e com alegre dissipação todos os degraus da abjeção, sozinhas, em cidades desconhecidas. Pareceu-me o final adequado para aquele dia. Se nada nos podia salvar, nem o dinheiro, nem um corpo masculino, e nem sequer o estudo, mais valia destruir tudo imediatamente. Cresceu-me no peito a raiva dela, uma força minha e não minha que me encheu do prazer de me perder. Desejei que aquela força alastrasse. Mas apercebi-me de que ela também me assustava. Só depois compreendi que sei ser tranquilamente infeliz só porque sou incapaz de reações violentas, temo-as, prefiro ficar imóvel cultivando o rancor. Lila não. Quando saiu do seu lugar, levantou-se com tal decisão que fez estremecer a mesa e os talheres nos pratos sujos, e derrubou um copo. Enquanto Stefano se apressava automaticamente a travar o fio de vinho que corria na direção do vestido da senhora Solara, ela saiu em passo rápido por uma porta secundária, puxando o vestido de cada vez que ele ficava preso.

Pensei em correr atrás dela, apertar-lhe a mão, sussurrar-lhe vamos, vamo-nos embora daqui. Mas não me mexi. Mexeu-se Stefano, que, após um instante de hesitação, a alcançou passando por entre os pares que dançavam.

Olhei em volta. Todos se tinham apercebido de que qualquer coisa contrariaria a noiva. Mas Marcello continuava a conversar em tom de

cumplicidade com Rino, como se fosse normal ter aqueles sapatos calçados. Prosseguiram os brindes cada vez mais obscenos do comerciante de metais. E quem se sentia no fundo da hierarquia das mesas e dos convidados continuava penosamente a fazer das tripas coração. Enfim, ninguém, a não ser eu, parecia dar-se conta de que o casamento acabado de celebrar — e que provavelmente duraria até à morte dos cônjuges, no meio de muitos filhos, imensos netos, alegrias e tristezas, bodas de prata, bodas de ouro —, para Lila, fosse qual fosse a tentativa que o marido estava a fazer para ser perdoado, já chegara ao fim.

3.

Os factos, naquele momento, desiludiram-me. Sentei-me ao pé de Alfonso e Marisa, sem prestar atenção à conversa deles. Esperava sinais de revolta, mas não aconteceu nada. Entrar na cabeça de Lila era difícil, como sempre; não a ouvi gritar, não a ouvi ameaçar. Stefano reapareceu meia hora depois, muito amável. Mudara de fato e desaparecera-lhe a mancha esbranquiçada na testa e em volta dos olhos. Passeou-se por entre parentes e amigos à espera de que a mulher aparecesse, e quando ela regressou à sala, já não vestida de noiva mas sim em traje de viagem, com um *tailleur* azul pastel, botões claros e um chapeuzinho azul, foi logo ao encontro dela. Lila distribuiu as amêndoas pelas crianças, tirando-as de dentro de um recipiente de cristal com uma colher de prata, depois passou pelas mesas e deu as bomboneiras, primeiro aos seus familiares e depois aos de Stefano. Ignorou toda a família Solara e até o próprio irmão, Rino, que lhe perguntou com um sorriso ansioso: já não gostas de mim? Ela não respondeu e deu uma bomboneira a Pinuccia. Tinha o olhar ausente, as maçãs do rosto mais marcadas do que o habitual. Quando chegou a minha vez, entregou-me distraída, sem um sorriso de entendimento sequer, a caixinha de cerâmica cheia de amêndoas e envolta em tule branco.

Entretanto os Solara ficaram irritados com a indelicadeza, mas Stefano reparou a falta abraçando-os um por um com uma agradável expressão pacífica e murmurando:

«Está cansada, é preciso ter paciência.»

Beijou também Rino nas faces; o cunhado fez um esgar de descontentamento e ouvi-o dizer:

«Não é cansaço, Ste’, aquela nasceu torta e lamento por ti.»

Stefano respondeu, sério: